

economia

Setor calçadista tem 1º déficit comercial da série histórica

Sobretaxas dos EUA sobre os produtos brasileiros pesam nas exportações

/ INDÚSTRIA

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

O setor calçadista brasileiro registrou em julho o primeiro déficit mensal da sua balança comercial desde o início da série histórica, em 1997. O resultado ocorre em meio ao avanço dos produtos importados no mercado nacional e à retração das exportações, cenário que ganha uma pressão adicional com as novas sobretaxas dos Estados Unidos sobre os produtos brasileiros.

No mês passado, o Brasil importou US\$ 66 milhões em calçados e exportou US\$ 62,38 milhões, resultando em saldo negativo de cerca de US\$ 3,6 milhões. Os embarques ao exterior recuaram 18,6% em receita e 12,5% em volume na comparação com julho de 2025, totalizando 6,28 milhões de pares.

A deterioração também aparece nos números acumulados. De janeiro a julho, as exportações brasileiras somaram US\$ 470,6 milhões e 55,3 milhões de pares. Frente ao mesmo período de 2025, as quedas foram de 18% em receita e 7,6% em volume. O valor médio por par exportado recuou 11,2%, de US\$ 9,58 para US\$ 8,51.

No sentido contrário, as importações alcançaram US\$ 373 milhões e 29,9 milhões de pares nos sete primeiros meses do ano, altas de 10,4% e 12,8%, respectivamente.

Situação tende a se agravar com as sobretaxas

Ainda assim, o Rio Grande do Sul ampliou sua participação na receita das exportações brasileiras de calçados de 47,6% para 49,8%.

Em julho isoladamente, o desempenho gaúcho foi mais negativo. As exportações somaram US\$ 32,72 milhões e 2,04 milhões de pares, recuos de 19,1% e 22%, respectivamente. O Estado respondeu por 52,4% da receita nacional com os embarques de calçados no mês.

A situação deve ficar ainda mais desafiadora com as sobretaxas norte-americanas. Segundo a Abicalçados, a tarifa total de 37,5% aplicada aos calçados



ABICALÇADOS/DIVULGAÇÃO/JC

Em julho, setor teve saldo negativo de cerca de US\$ 3,6 milhões

te, conforme dados da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados).

O presidente-executivo da entidade, Haroldo Ferreira, afirma que o crescimento das importações, especialmente de produtos asiáticos, vem pressionando a indústria nacional. No primeiro semestre, a produção brasileira de calçados caiu 5,6%.

“As exportações já vinham apresentando retração nos nossos dois principais mercados - Estados Unidos e Argentina - e, agora, passam a enfrentar uma pressão adicional com o tarifação norte-americano. Ao mesmo tempo, as importações seguem crescendo mesmo em um ambiente de consumo doméstico desaquecido”, afirma Ferreira.

China, Vietnã e Indonésia respondem por quase oito de cada dez

pares importados pelo País. Entre janeiro e julho, somente da China entraram 10 milhões de pares, alta de 26,8% em relação ao mesmo período do ano passado. Do Vietnã vieram outros 8,3 milhões e, da Indonésia, 4,78 milhões. Maior exportador de calçados do Brasil, o Rio Grande do Sul também sente a deterioração do mercado externo. As fábricas gaúchas exportaram US\$ 234,56 milhões entre janeiro e julho, queda de 14,1% sobre igual intervalo de 2025. Em quantidade, porém, houve movimento inverso: os embarques cresceram 6%, chegando a 19,7 milhões de pares.

A combinação mostra uma redução significativa do valor médio dos produtos exportados pelo Estado. O indicador passou de US\$ 14,70 por par nos sete primeiros meses de 2025 para US\$ 11,91 neste ano, queda de 19%.

brasileiros torna as exportações para os Estados Unidos inviáveis em determinados casos e aumenta a diferença tarifária do Brasil em relação a concorrentes, principalmente asiáticos.

O impacto é relevante porque os Estados Unidos permanecem como principal mercado do calçado brasileiro em receita. Entre janeiro e julho, o País exportou US\$ 101,07 milhões e 6,25 milhões de pares ao mercado norte-americano, quedas de 25% e 9,3%, respectivamente. Mesmo com a retração, os EUA responderam por 21,5% da receita obtida pelo setor com exportações no período.

Grupo Casas Bahia protocola pedido de recuperação judicial

/ VAREJO

O Grupo Casas Bahia entrou com pedido de recuperação judicial na 2ª Vara de Falências e Recuperações Judiciais na Justiça de São Paulo no final da noite deste domingo (16), e declarou uma dívida de R\$ 17,3 bilhões. O pedido engloba dez empresas da holding, entre elas a dona das marcas Casas Bahia e Ponto Frio, o e-commerce Extra.com e a fabricante de móveis Bartira, além de subsidiárias de logística e tecnologia.

Das dívidas, R\$ 16,4 bilhões são com credores quirográficos (ou seja, sem garantia), R\$ 754 milhões de credores trabalhistas e R\$ 154 milhões com microempresas e empresas de pequeno porte.

O grupo informa no pedido a demissão de cerca de 3.000 funcionários, de 30.117 colaboradores que possui, e o fechamento de quase 300 lojas segundo o documento, a Casas Bahia possui mais de 700 lojas físicas, e o Ponto Frio, mais de 65.

A petição vem cerca de dois anos após a varejista homologar uma recuperação extrajudicial que reestruturou R\$ 4,8 bilhões em dívidas financeiras em abril de 2024, da qual saiu três meses depois.

No documento enviado à Justiça, a companhia aponta que a crise está relacionada aos pesados investimentos em tecnologia, logística e lojas digitais iniciados em 2019, somados aos choques da pandemia, que paralisaram as lojas físicas. Perto da abertura do mercado, as ações das Casas Bahia (BHIA3) despencavam 31,81%, cotadas a R\$ 0,45.

Segundo a petição, embora o plano de digitalização tenha começado quando a Selic estava na mínima histórica de 2% ao ano, entre o final de 2020 e o início de 2021, o salto do juro até o patamar de 15% ao ano desorganizou a estrutura financeira da companhia. Ainda de acordo com o pedido de recuperação judicial, o modelo da varejista é altamente dependente de capital de giro, financiamento a estoques, operações de risco sacado com fornecedores e do crédito direto ao consumidor.

Com a escalada dos juros e da inflação, houve encarecimento do crédito, compressão da renda das famílias de menor poder aquisitivo e avanço da inadimplência nos cartões e cartões, além de um aumento expressivo da concorrência de plataformas digitais, diz a petição.

O documento aponta que que as iniciativas do chamado Plano de Transformação, iniciado em 2023 com corte de despesas, redução de estoques e fechamento de 55 lojas deficitárias, geraram alívio apenas pontual.

Na petição inicial, a Casas Bahia solicita uma série de medidas de urgência para evitar a paralisação imediata das operações.

A maior preocupação do grupo reside no risco de vencimento antecipado de mais de R\$ 10 bilhões em contratos financeiros e comerciais. A empresa afirma que, caso os bancos retenham as garantias de cartão de crédito e Pix, até 60% da entrada mensal de caixa seria drenada imediatamente, inviabilizando o negócio.



CASAS BAHIA/DIVULGAÇÃO/JC

Varejista declarou uma dívida de R\$ 17,3 bilhões